

Comunicação

Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré no limiar da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai

Palestra proferida em 18 de agosto de 2004, por ocasião do Seminário Comemorativo ao Bicentenário de Nascimento do Almirante Barroso, realizado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

Edina Laura Costa Nogueira da Gama

Graduada em História com especialização em História Militar Brasileira pela UNIRIO, a Capitão-de-Fragata (T) Edina é atualmente Chefe do Departamento de Museus Navais do Serviço de Documentação da Marinha e sócia titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB)

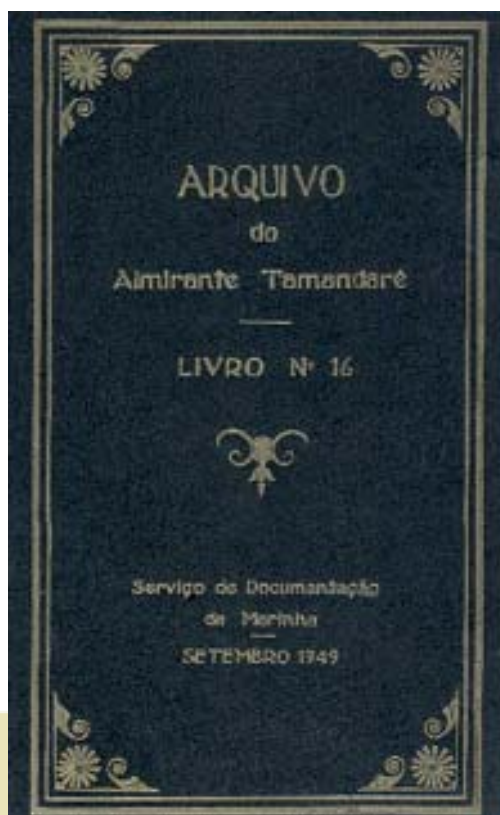
Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré no limiar da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai

A IMPORTÂNCIA

Propiciar subsídios para a contextualização da época pretendida – primórdios da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai –, contribuindo ainda para uma análise dos aspectos institucionais de fatos históricos relevantes e construção do perfil e biografia dos personagens atuantes – Almirantes Barroso e Tamandaré – nesse tempo.

O OBJETIVO

No uso do Arquivo do Almirante Tamandaré, composto de 1776 documentos, fazer o levantamento de fontes primárias (cartas) comprobatórias das ações decisivas empreendidas pelo Almirante Barroso no processo de estabelecimento da Base de Operações da Esquadra brasileira em Corrientes.



O Arquivo do Almirante Tamandaré faz parte do acervo do Departamento de Arquivos do Serviço de Documentação da Marinha

A AMIZADE ENTRE BARROSO E TAMANDARÉ

A relação de amizade entre Francisco Manoel Barroso (Barão do Amazonas) e Joaquim Marques Lisboa (Marquês de Tamandaré) pode ser medida pelo número de correspondências trocadas entre ambos no período em que estiveram juntos na Guerra da Tríplice Aliança (118 cartas). Eles foram colegas nas aulas de inglês com o padre Thomas Trilby; colegas na Academia de Marinha (1824); combateram juntos na Batalha Naval de Corales, em 8 de fevereiro de 1826, contra a Argentina; o Tenente Barroso recebeu do também Tenente Marques Lisboa o comando da Escuna *Bela Maria*, em 1828; serviram juntos a bordo da Escuna *Rio da Prata*, entre 1829 e 1831; comandaram navios da Armada na luta contra os cabanos, entre 1835 e 1837, no Pará; serviram juntos na Força Naval do Rio da Prata, de 1842 a 1844, e também participaram da Guerra da Tríplice Aliança, entre 1864 e 1866.

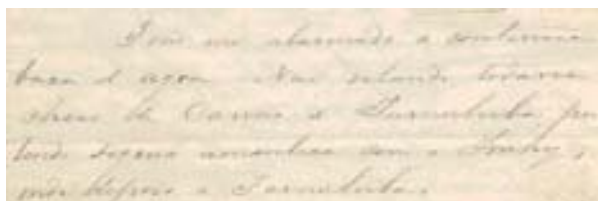
A CORRESPONDÊNCIA

Em 5 de maio:

“Tem me alarmado a contínua baixa d’água. Não estando todavia cheio de carvão a Parnaíba; pretendo seguir amanhã com a Ivaí, indo depois a Parnaíba.”

Conteúdo: Descreve preocupado a baixa das águas, além da falta de carvão na *Parnaíba*.

Análise: Muita dificuldade no deslocamento de navios de grande calado em águas rasas do Rio Paraná, mesmo sem o suprimento máximo de carvão a bordo, o que gerava um novo problema, o do abastecimento das embarcações; em 28 de abril, o Almirante Barroso havia partido para bloquear os Rios Paraná/Paraguai, com a missão de reconhecer a região; ir, até quanto fosse possível, às Três Bocas e proteger a Cidade de Corrientes.



Em 7 de maio:

“O Coronel Bruce não traz dinheiro para pagar a gente, ainda que não [...] acabou, para evitar jogos, roubos, desordens. [...] deixando para pagar-lhes quando estejamos em lugar em que possam empregar o dinheiro, em roupas, [...]. Não deixem de enviar os fardamentos de calças de pano, e camisas do mesmo. Com isto muito evitaria doenças por falta de abrigo.”

Conteúdo: Refere-se ao desenralhe da *Ivaí* e ao fato do Coronel Bruce não ter levado dinheiro para o pagamento do pessoal, evitando assim roubos, jogos, desordens etc...; solicita fardamento e mantimentos.

Análise: A questão da disciplina a bordo era um fator de alta relevância, não apenas ditada pelo nível da tropa, mas dado o confinamento de um navio; de novo a logística de pessoal, onde o fardamento pressupõe o abrigo de uma guarnição, que, muitas vezes, tinha como camas os conveses dos navios. As guarnições muito reduzidas, aliadas à certeza de que logo

encontrariam o inimigo, levaram ao embarque de uma brigada do Exército em torno de mil homens, a mando do Coronel Bruce, que logo mostraria a que veio (chegada em Corrientes e Riachuelo).

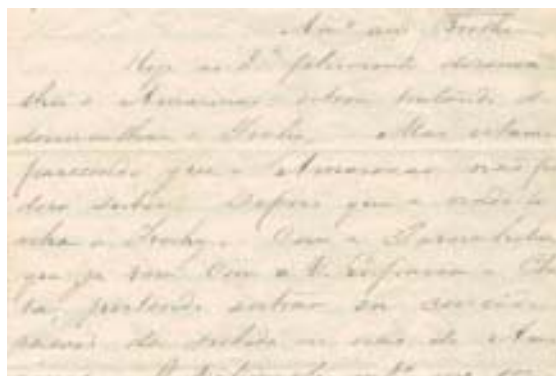


Segunda carta de 7 de maio:

“Amigo and Brother. Hoje às 8h felizmente desencalhei a Amazonas, estou tratando de desencalhar a Ivaí. Mas está me parecendo que a Amazonas não poderá subir. Depois que a nado tinha a Ivaí. Com a Parnaíba que já vem com a [...] e Chata, pretendo entrar em considerações da subida ou não da Amazonas. [...]”

Conteúdo: Fala de sua felicidade em ter conseguido desencalhar a *Amazonas*, tratando agora do desencalhe da *Ivaí*, parecendo-lhe que a *Amazonas* não poderia subir o rio. Com a vinda da *Parnaíba*, Barroso reflete sobre a possibilidade de não continuar com a *Amazonas*.

Análise: Se pesasse somente a relação do calado da *Amazonas* e a profundidade do rio, com certeza esta não seguiria rio acima, mas a necessidade de transportar as tropas justificava o uso de um navio de maior porte, pois, de outra maneira, navios menores forçariam outras viagens, gerando mais desgaste principalmente de combustível e de tempo.



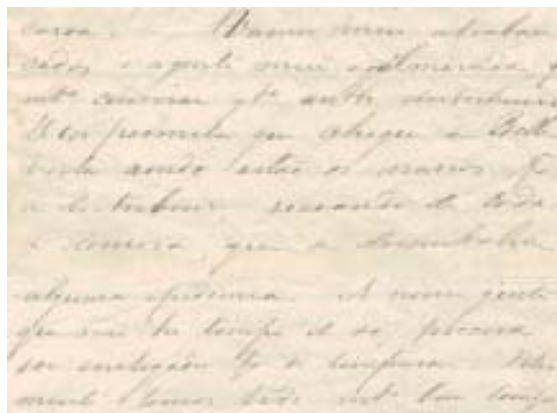
Em 8 de maio:

“[...] Vamos meio atravancados e a gente muito aglomerada, que muito [...] quanto antes distribuí-los. Deus permita que cheguem a Bela Vista aonde estão os navios para a distribuir, receando de toda a demora que se desenvolva alguma epidemia. A nossa gente que não é limpa de si, precisa ser instigada para se limparem. Felizmente temos tido muito bom tempo”.

Navigator 5 – Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré

Conteúdo: Descreve a situação de higiene a bordo, visto a quantidade de tropas sendo transportadas para Bela Vista, onde estavam os outros navios que receberiam parte dessas tropas, creditando a não existência de epidemias ao bom tempo.

Análise: A questão da logística é mais uma vez exposta nessa correspondência, agora em relação ao pessoal, agravando ainda mais a dificuldade que Barroso enfrentou no deslocamento dos navios pelo Rio Paraná; os navios a que se refere são os da 3ª Divisão Naval em Operações no Rio da Prata, que, sob comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra José Segundino de Gomensoro, já haviam subido o rio em 17 de abril, no apoio às tropas argentinas do General Wenceslau Paunero, que pretendia retomar Corrientes.

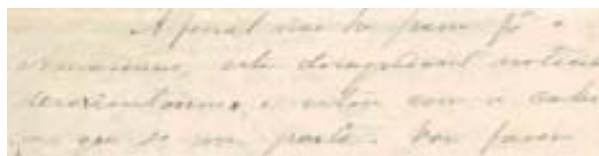


Em 11 de maio:

“Final não há passo para o Amazonas, esta desagradável notícia desorientou-me e estou com a cabeça que se me parte. [...]”

Conteúdo: Não há passo para a *Amazonas*, o que o deixa desorientado; é obrigado a retirar carvão da fragata.

Análise: As profundas manobras realizadas para contornar os problemas de navios adequados para as operações; o tempo mostraria a importância de ter insistido na mobilização da Fragata *Amazonas*.



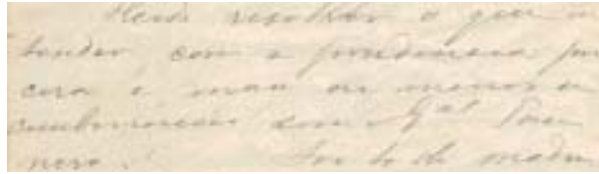
Em 15 de maio:

“Hei de resolver o que entender com a prudência precisa e mais ou menos em combinação com o General Paunero. [...]”

Conteúdo: Referindo-se ao fato de, até onde sabe, os navios de Segundino deveriam agir em combinação com as tropas de Paunero e até onde possa há de resolver o que entender, com a prudência precisa e mais ou menos de combinação com o General Paunero.

Análise: Demonstra poder de decisão e espírito de iniciativa no exercício de suas funções de Chefe do Estado-Maior e mais antigo na área de operações da Esquadra, bem como a confiança de Tamandaré em seu imediato; Barroso havia recebido correspondência de Gomensoro

comunicando que chegara a Bela Vista em 4 de maio e, desde então, acompanhava as tropas do General Paunero, o que estava lhe atrasando – esperavam a vinda de reforços para atacar Corrientes (Urquiza, Cáceres e Hornos).



Em 16 de maio:

"[...] para que quanto antes pôr aquela gente fora de Corrientes, e passar a ser Corrientes o centro de operações da gente que deve operar para este lado. O General Paunero pede gente que leve e tem sentido, tem 2000 homens de linha: nós temos 1000, mas estão pelas ordens do Almirante não tem que operar em terra."

Conteúdo: Corrientes deve ser a base de operações, e na ajuda ao General Paunero não inclui as forças do General Bruce, que não deveriam operar em terra.

Análise: Perfeita coadunação com as ordens do Almirante Tamandaré; a prioridade era a segurança da Esquadra no bloqueio dos rios; ao contrário das críticas sofridas, a Marinha do Brasil vinha apoiando os argentinos mesmo antes do Tratado, inclusive com carvão para os vapores argentinos *Pampero*, *Pavon* e *Espigador*.

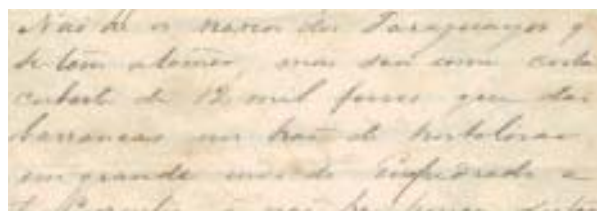


Em 17 de maio:

"Não são os navios dos Paraguaiois que se tem a temer, mas sim uma certa coberta de 12 mil fuzis que das barrancas nos hão de hostilizar em grande mão do Empedrado até Corrientes".

Conteúdo: Não acredita que se deva temer os navios paraguaiois e sim a cobertura de 12 mil paraguaiois, que haviam de nos hostilizar, indo de Empedrado a Corrientes, devendo se pôr em Bela Vista um Exército e com ele destroçar a Esquadra paraguaia; está operando em perfeita combinação com o General Paunero.

Análise: Tratava-se de uma força paraguaia de 20 mil homens, sob comando do General Robles, que, deixando 1.500 soldados em Corrientes, marchava rio abaixo, concentrando-se na região.

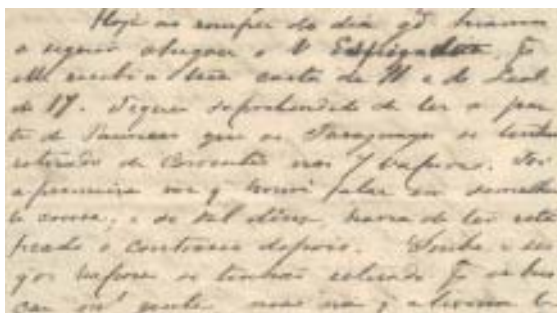


Em 24 de maio:

“Hoje ao romper do dia quando íamos seguir chegou o Vapor Esfrigorador por ele recebi a tua carta de 11 e de Leal de 17. Fiquei surpreendido de ler a parte de Paunero que os Paraguaiois se tenham retirado de Corrientes nos 7 vapores. Foi a primeira vez que ouvi falar em semelhante coisa; e se tal disse havia de ter retificado o contrário depois. Soube e sei que os vapores se tinham retirado para ir buscar mais gente, [...]”

Conteúdo: Mostra-se surpreendido com informações do General Paunero quanto aos paraguaios terem se retirado de Corrientes em sete vapores, precisando ratificar a informação, pois o que sabe é que os vapores paraguaios foram buscar mais gente, tendo a força se dirigido a Bela Vista e Rincón del Soto.

Análise: Na realidade, as informações de Paunero eram falsas; Barroso sabia que não havia lógica militar em tal fato – os paraguaios eram mais numerosos e estavam em vantagem; Paunero, usando a Esquadra, ficava em idas e vindas: dia 12, Corrientes, volta para Bela Vista e estaciona em Goya, em 16 de maio.



Em 27 de maio:

“Desceu hoje o General Paunero tendo embarcado ontem à noite toda a força. Pediu-me para o acompanhar uma Canhoneira, destinei a Itajaí para isso, que provavelmente irá até Bela Vista levar feridos. Foi uma pena não podermos sustentar na cidade, seria impossível logo que fossem reforçados, e demais estão famintos. Necessariamente teria de o fazer mais dias menos dias, e então embarcar debaixo de maior precisão.”

Conteúdo: Embarque de todas as forças de Paunero; sente não ter podido se sustentar na cidade.

Análise: Corrientes ainda não fora efetivamente tomada pelas forças aliadas; por falta de cavalaria, os argentinos não puderam perseguir os paraguaios, tampouco ficar na cidade, caso viessem reforços de Humaitá ou voltassem os paraguaios.

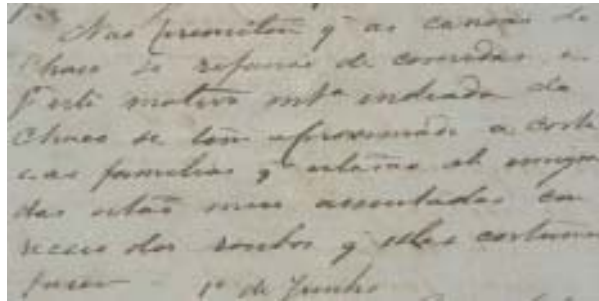


Em 31 de maio:

“Não permitem que as canoas do Chaco se refaçam de comidas, e por este motivo [...] do Chaco se têm aproximado a costa, e as famílias que estavam ali emigradas estão muito assustadas com receio dos roubos que eles costumam fazer. [...]”

Conteúdo: Pertinente ao medo da população correntina, acuada por falta de comida.

Análise: Os paraguaios permaneciam na área, roubando e repelindo o abastecimento da cidade, sem apoio das tropas de Paunero, que havia ido se reunir às tropas de Urquiza e Cáceres; a historiografia paraguaia registra o apoio prestado por Barroso às populações ribeirinhas que fugiam dos guaranis.

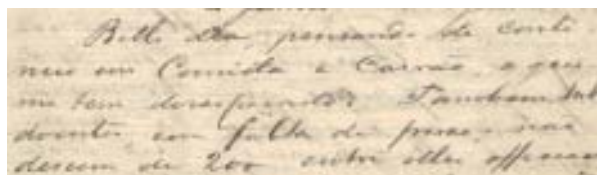


Em 4 de junho:

“Belo dia, pensando de contínuo em comida e carvão o que me tem desesperado. Também [...] doentes, com falta de fresco; não descem de 200 entre eles oficiais [...]”

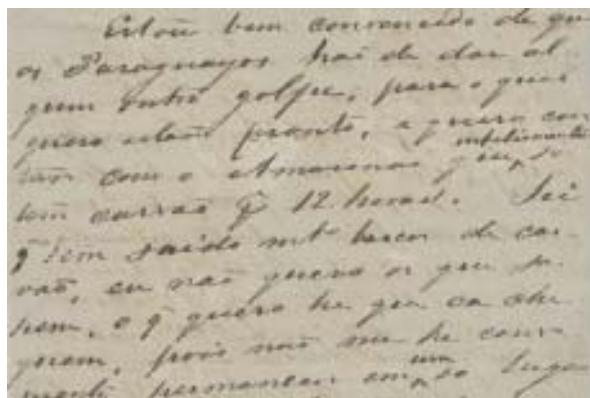
Conteúdo: Trata do seu desespero quanto à falta de comida e carvão.

Análise: Às vésperas da Batalha Naval do Riachuelo, a situação logística da guerra era bastante precária, levando as guarnições dos navios a desembarcarem para cortar lenha.



Em 16 de junho:

“Estou bem convencido de que os paraguaios não de dar algum outro golpe; para o qual quero estar pronto, e quero contar com o Amazonas que infelizmente só tem carvão para 12 horas. Sei que tem saído muitos barcos de carvão, eu não quero os que já [...], o que quero é que cá cheguem, pois não me é conveniente permanecer em um só lugar.”



Navigator 5 – Correspondências entre os Almirantes Barroso e Tamandaré

Conteúdo: Quanto ao Riachuelo, apenas avisa que mandou um relatório a respeito; a guerra continuava e os paraguaios estavam por perto.

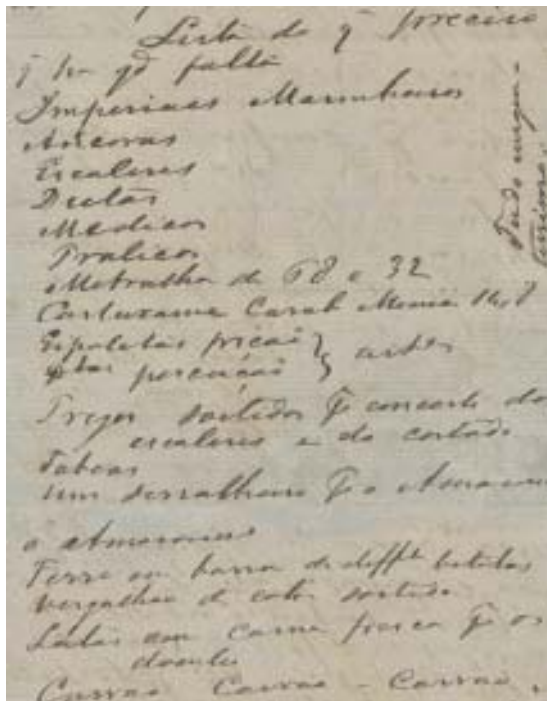
Análise: Barroso sabia que os paraguaios continuavam nas barrancas a espreitar a Esquadra que, assim, não podia ficar estática, que era impossível, naquele momento, por falta de apoio terrestre e navios adequados, aliados à logística precária.

Em 17 de junho:

“Lista do que preciso [...] Imperiais Marinheiros, Âncoras, Escaleres, [...] Médicos, Práticos, Metralha de 68 e 32, Cartuchame, Carabina [...], Pregos sortidos para conserto dos escaleres e do costado, Tábuas, um serralheiro para o Amazonas, Ferros em barra de diferentes bitolas, vergalhão [...], Latas com carne para os doentes, Carvão, Carvão e Carvão.”

Conteúdo: Enfatiza as suas necessidades logísticas, pois os paraguaios dariam outro golpe.

Análise: Nesta data, o futuro Barão de Teffé, ao descer para incendiar o casco do navio *Marquês de Olinda*, observa os paraguaios nas barrancas de Mercedes. São atacados por Barroso no dia seguinte.



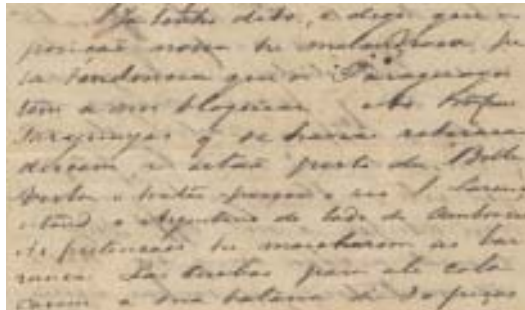
Em 28 de junho:

“Já tenho dito, e digo que a posição nossa é melindrosa pela tendência que os Paraguaios têm de nos bloquear. As tropas paraguaias que se haviam retirado desceram e estão perto da Bela Vista e tentam passar o rio S. Lourenço estando o argentino do lado do Ambrosio. A pretensão é marcharem as barrancas Las Cuevas para ali colocarem a sua bateria de 30 peças”.

Conteúdo: Subsidiava o Almirante Tamandaré quanto ao posicionamento dos paraguaios, preocupado com a posição dos navios ao longo da região de Corrientes, pela tendência do

inimigo em bloquear a Esquadra, impedindo-a de apoiar as forças terrestres que logo viriam, bem como outros navios, isolando-a.

Análise: Tal previsão se cumpriria em Cuevas.

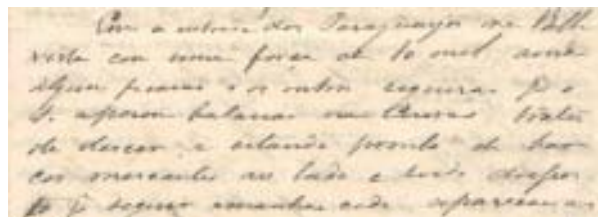


Em 2 de agosto:

“Com a entrada dos Paraguaiois na Bela Vista com uma força de 10 mil, aonde alguns ficaram e outros seguiram para aporem baterias nas Cuevas, tratei de descer e estando pronto de barcos mercantes ao lado e estando disposto para seguir amanhã cedo [...].”

Conteúdo: Estava atento, e precisava agir para não cortar a comunicação da Esquadra com as operações que estavam por vir; não podia deixar seus navios isolados.

Análise: o ataque, previsto para o dia seguinte 3 de agosto, seria adiado por Tamandaré.

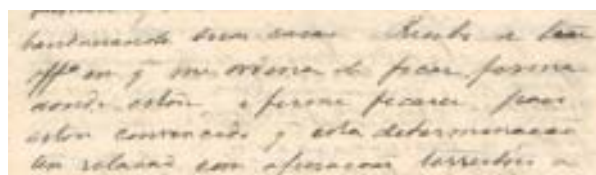


Segunda carta em 2 de agosto:

“[...] Recebi o teu officio que me ordena de ficar firme aonde estou, firme ficarei pois estou convencido que esta determinação tem relação com operações terrestres [...].”

Conteúdo: Resolve adiar o ataque a Cuevas por ordem, creditando-a às operações terrestres que se avistavam.

Análise: O ataque da Esquadra a Barrancas de Cuevas aconteceu em 12 de agosto, sendo previsível que tenha sido uma iniciativa do Almirante Barroso.

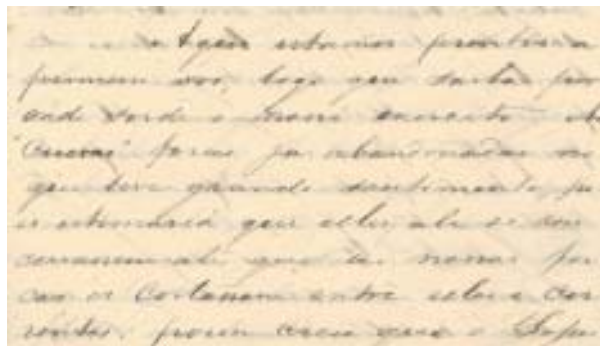


Em 12 de outubro:

“Aqui estamos prontos a primeira voz, logo que saiba por onde [...] o nosso exército. As Cuevas foram já abandonadas no que tive grande sentimento, pois estimaria que eles ali se cercassem até que as nossas forças os cortassem entre elas e Corrientes: [...]”

Conteúdo: Observa que os paraguaios estão abandonando Corrientes.

Análise: Críticas da historiografia argentina ao fato de que Barroso nada fez para impedir a retirada dos soldados paraguaios do Rio Paraná, o que foi determinante para o prolongamento da guerra; mas como fazê-lo, se do mar e dos rios nenhuma Esquadra conseguiu até hoje dominar a terra?

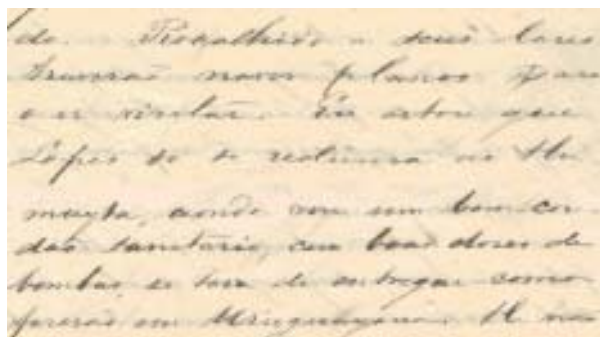


Segunda carta em 12 de outubro:

“[...] Recolhido a seus lares [...] novos planos para o ir visitar. Eu estou que López só se reduzira ao Humaitá, aonde com um bom cordão sanitário, com boas doses de bombas, se terá de entregar como fizeram em Uruguaiana [...]”

Conteúdo: Várias considerações aos novos rumos da guerra, colocando Humaitá como o bastião a se vencer.

Análise: Em 25 de outubro, a Esquadra estaciona em Corrientes, onde aguardaria a chegada do Comandante-em-Chefe da Esquadra, efetivada em fevereiro de 1866; durante este tempo, preocupou-se em estabelecer as bases logísticas para tornar Corrientes o centro de operações das manobras aliadas.



CONCLUSÕES

O Arquivo do Almirante Tamandaré, composto de 17 volumes, com 1766 documentos, contendo ainda o relatório de operações de

guerra do futuro Patrono da Marinha do Brasil, possui 118 cartas trocadas entre este e o Almirante Barroso. Do período compreendido pela correspondência – 25 de dezembro de 1864 a 26 de julho de 1866 –, buscou-se ape-

nas a documentação que pontuasse a trajetória do Almirante Barroso no estabelecimento da Base de Operações da Esquadra em Corrientes (5 de maio a 12 de outubro de 1865). Assim, chegou-se a 83 cartas, sendo escolhidas 19 para descrição e deste modo não apenas confirmar e enfatizar fatos conhecidos da historiografia naval brasileira, mas revitalizá-los. Como? Abandonando o contexto de uma história-batalha na qual esse chefe, muitas vezes, é reconhecido apenas por Riachuelo e pela amizade devotada ao Comandante-em-Chefe da Esquadra, Almirante Tamandaré. A carreira naval desses dois líderes, bem como o tratamento dispensado por Barroso a Tamandaré em suas cartas, comprovam a profunda intimidade entre eles. Mas é fato que, ao mandar para o teatro de operações o futuro Barão de Amazonas, o também futuro Patrono da Marinha do Brasil reconhecia nele qualidades militares que o fariam tomar decisões acertadas na condução dos navios da Força Naval brasileira no bloqueio das águas dos Rios Paraná/Paraguai. As questões político-estratégicas da Guerra que se anunciava contra o Paraguai retinham Tamandaré em Buenos Aires. Precisava dividir com alguém, ou até mesmo confiar a este mesmo alguém, a “prudência precisa” quanto à mobilidade e capacidade de operação dos navios da Armada. E Barroso, como visto, não o decepcionou.

A documentação primária consultada mostrou que a Esquadra paraguaia era vista como misteriosa, pelo menos para ele, Barroso, tratando de questões mais prementes – a mobilidade e a logística da Esquadra Imperial – para fazer frente ao que estivesse por vir. Ao mesmo tempo que traçou considerações a respeito, participou ao Comandante-em-Chefe da Esquadra suas impressões e ações diante do inopinado – os encaixes dos navios (a história justificaria sua preocupação com a Fragata *Amazonas*), o apoio às forças de Paunero, a chegada a Corrientes, os soldados paraguaios espriados pelas barrancas do Rio. Foi todo o tempo decidido, tenaz, objetivo, sem meias palavras, rápido nas iniciativas e decisões, e seguro da vitória, mesmo nos acessos de destempero e raiva. Mostrou-se até mesmo apaziguador, quando defendeu as indas e vindas de Paunero, atrasando o avanço dos navios brasileiros, creditando-as à falta de

reforços vindos de Urquiza, Hornos e Cáceres. Sobre o primeiro, críticas nada favoráveis. E, mesmo assim, apenas lamentou não ter podido permanecer em Corrientes.

Sobre o 11 de junho, só alguns detalhes; afinal, mandou o relatório: ... E o tempo urgia, pressentindo o perigo nas Barrancas de Mercedes e Cuevas. Era preciso ainda guardar as posições, pois López não desistira de ter em Corrientes sua base de operações.

Em 12 de outubro, escreveu que os paraguaios se retiravam para seu território. Não seguiria adiante, disse, aguardando em Corrientes a chegada do Almirante Tamandaré. Neste ínterim, trataria dos depósitos de mantimentos, carvão, conserto dos navios (já os estava realizando) e do reconhecimento dos rios. Assim, não apenas subsidiando seu Comandante-em-Chefe, mas decidindo, na ausência deste, as forças navais sob o comando do Almirante Barroso contribuíram efetivamente para que as campanhas do Rio Grande do Sul e de Corrientes redundassem em completo fracasso para López.

Infelizmente, no trato das operações militares da Guerra da Tríplice Aliança, muitos historiadores ignoram as razões da lentidão da esquadra aliada em suas operações – como visto nessa documentação –, preferindo creditá-la à incompetência dos responsáveis pela condução do conflito. A Tamandaré e a Barroso, por exemplo, alguns impingem a demora no término do conflito, criticando ainda a falta de ousadia da Esquadra na perseguição aos paraguaios depois de Riachuelo, preferindo se postar incólume pelos rios. Essas hipóteses são bastante discutíveis, como demonstrado pela correspondência de Barroso para Tamandaré. A refutá-las, ou até mesmo considerá-las sob outros aspectos, existe uma farta documentação primária a ser lida ou mesmo relida, haja vista o Arquivo Almirante Tamandaré, existente no Serviço de Documentação da Marinha. Por que não buscar-se assim uma perfeita integração da história política do Brasil à história militar-naval do período em questão, e vice-versa. E quem sabe, neste 2007, quando a Marinha do Brasil comemorará o bicentenário de nascimento do seu Patrono, Marquês de Tamandaré, não tenhamos uma história naval brasileira **revitalizada** sob este prisma?